

## UM CASO DE SUCESSO DE UMA TÉCNICA EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS: ENTREVISTA COM REGINA DANTAS

Ivaneide Grizente<sup>1</sup>

Diante de um cenário incerto para os servidores das Universidades Federais de nosso país, no que diz respeito à garantia de conquistas históricas (aposentadoria, plano de carreira, pagamento de funções gratificadas, entre outras), além do contingenciamento dos recursos, a Revista Práticas em Gestão Pública Universitária/PGPU destaca a relevante trajetória da servidora Regina Dantas. A presente entrevista é uma homenagem à dedicação de Regina à Universidade Federal do Rio Janeiro/UFRJ, além disso, marca a



**Regina Dantas**, profa. colaboradora do PPG HCTE e do PPGE0/MN.

Foto: Currículo Lattes

CV: <http://lattes.cnpq.br/5373756688550990>

mudança da Editoria-chefe da Revista, proposta pela própria servidora e aceita pela atual Pró-reitora de Pessoal, Luzia da Conceição de Araújo Marques.

A partir de 2015, ciente do ineditismo e do caráter inovador do periódico, Regina proporcionou a criação da PGPU por meio da participação do servidor Gustavo Cravo e esteve à frente do Editorial da Revista no período entre 2017-2019. Na presente ocasião, Ivaneide Grizente, após sua conclusão do Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE da UFRJ em 1/08/2019, assumiu o cargo de Editora-chefe da PGPU em momento de grande realização, pois o periódico recebeu sua primeira avaliação CAPES sendo registrado no estrato B3 do novo Qualis.

**1 – Bom dia, querida Regina. Agradeço por dispor de tempo para nossa entrevista. Vamos começar com um breve relato sobre tua chegada à UFRJ antes de atuar no Museu Nacional/UFRJ.**

---

<sup>1</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ). Assistente em Administração atuando na Pró-Reitoria de Pessoal (PR4) da UFRJ.

**Regina:** Bom dia, doutora Neide. Neste exercício de memória, será muito interessante lembrar das principais passagens por diferentes Unidades da UFRJ e das pessoas que transitaram nesta longa trajetória. Iniciei na instituição em 1985, no cargo de Assistente em Administração, por meio de um rígido processo de seleção da Coordenação dos Programas de Pós-graduação em Engenharia/COPPE. Nesta década, passei a atuar no movimento dos técnico-administrativos na companhia de Eduardo Nazareth Paiva (que representava a COPPE no SINTUFRJ - atual professor colaborador do HCTE/UFRJ). Juntos nas lutas da categoria, a partir de 1987, éramos também atuantes na *representação dos pais* junto à creche da UFRJ. Sim, tínhamos filhos na creche, local em que receberam seus primeiros ensinamentos. Sobre esta fase, lembro-me que constatamos as dificuldades de infraestrutura, conquistamos acesso ao local (kombi da COPPE) e participamos de ricas discussões sobre o plano pedagógico da creche. O rumo começou a mudar após participar do último concurso de Ascensão Funcional da UFRJ (organizado pela Fundação Carlos Chagas/SP em 1987) para o cargo de nível superior *Técnico em Assuntos Educacionais* e, ao tirar o primeiro lugar, fui convidada a chefiar a Seção de Treinamento da Pró-reitoria de Pessoal/PR-4 da UFRJ. Entretanto, diante de querer atuar na minha formação como historiadora e a intenção de me envolver com documentação, solicitei transferência da COPPE para a Biblioteca Central do Centro de Tecnologia/CT, visando atuar com as obras raras e o envolvimento direto com alunos no Salão de Leitura. Em 1990, meu casamento com um dos membros da diretoria, Aguinaldo Guimarães, me fez optar pelo fim de minha participação na militância dos técnico-administrativos, repleta de discussões calorosas com a diretoria da COPPE, para não caracterizar conflito de interesses. Nesse momento, aceitei a proposta da PR-4, para chefiar a Seção de Treinamento e tive momentos inesquecíveis, pois passamos a organizar os concursos na Universidade. A UFRJ estava sob a gestão do admirável Reitor Nelson Maculan, sob a orientação da amiga Pró-reitora de Pessoal, Heloisa Leite, a coordenação da antiga Divisão de Saúde do Trabalhador/DVST, com a querida Renata Glória e tive o prazer de ter na equipe do treinamento as amigas Fátima Guerreiro e Ritinha Anjos (atual Superintendente da PR-4). Este período também foi marcado pelos inovadores cursos de treinamento específicos para cargos, mas foi com a preocupação com os cursos para os recém-concursados (programas como, por exemplo, o “Conhecendo a UFRJ” – nomenclatura utilizada na Seção de Treinamento da PR-4 na época), que me envolvi com a história do Museu Nacional/MN.

## **2 – Nesta época você foi para o Museu Nacional/UFRJ?**

**Regina:** Sim, isso aconteceu em 1994, após a gestão de Maculan, quando fui convidada pelo vice-diretor do MN, o geólogo Benedicto Humberto Francisco, e imediatamente passei a atuar na Seção de Museologia/SEMU, sob a orientação da museóloga Petronila (lembro-me de participar da montagem de exposição sobre Bertha Lutz na Biblioteca Central do Museu). Tive a honra de conviver com pesquisadores envolvidos com o levantamento da história dos moradores do antigo Paço de São Cristóvão e com a história do Museu Nacional, tais como, Johann Becker e Sólon Leontsinis. Dessa forma, Petronila, Becker e Sólon me ensinaram que era necessário levantar dados (dentro e fora da instituição) e registrar a história do Paço e do Museu. Entretanto, ressalto que Benedicto foi quem melhor proporcionou meu envolvimento com essas histórias, pois em alguns momentos, realizávamos “faxinas” na área documental do Departamento de Geologia e Paleontologia do MN. Quantas descobertas sobre documentos de Leopoldina e a história da mineralogia do MN no século XIX... Consequentemente, fui transferida para o “Arquivo Histórico” da instituição, sob a coordenação da bibliotecária Maria Jose Veloso da Costa Santos (a querida Mazé). Na gestão seguinte (1998- 2002), com o novo Diretor do MN, o antropólogo Luiz Fernando Dias Duarte, passei a atuar como Diretora Adjunta de Administração e me envolvi com a história e o funcionamento da instituição. Destaco a criação do *Projeto Memória do Paço de São Cristóvão e do Museu Nacional*, no qual o “Arquivo Histórico” era responsável por dois dos subprojetos do *Projeto Memória*. Assim, acompanhamos a institucionalização do *Projeto* com a transformação do “Arquivo” em Seção de Memória e Arquivo/SEMEAR (principalmente, diante da necessidade de guardar, além de documentos, objetos – de D. Pedro II; de Bertha Lutz; etc). Neste período, atuei no processo de revitalização da Sociedade dos Amigos do MN e em conjunto com outras ações, a instituição passou a fazer parte de minha identidade, porém, a mudança na Reitoria durante a gestão do Reitor Aluizio Teixeira me fez mudar de rumo novamente.

## **3 – Você, então, retornou para a Reitoria da UFRJ?**

**Regina:** Sim, Neide. Fui convocada para atuar como Superintendente Administrativa da Pró-reitoria de Pós-graduação/PR-2 nos três últimos anos da primeira gestão de Aluizio (2004-2007). Destaco que minha liberação no MN só foi possível, pois, o grande amigo

Wagner Martins ficou à frente da Direção Adjunta de Administração do MN. Minha experiência com “administração de conflitos” havia rompido as fronteiras do MN e eu não tinha me dado conta disso, pois minha meta era estudar a história do Paço e a do MN. O Pró-reitor da PR-2 era o engenheiro José Luiz Monteiro e a Superintendente Geral, a amiga historiadora Leila Rodrigues, mas continuei na segunda gestão de Aloisio, com a Pró-reitora, a querida engenheira Ângela Uller, mas saí um ano antes do fim da gestão (2007-2010). A experiência na PR-2 foi imprescindível para minha formação, pois, conheci o funcionamento das pós-graduações e a relação com os órgãos de fomento à pesquisa. Além de participar de discussões relevantes para as pós-graduações, pude acompanhar a ampliação da participação dos técnicos de nível superior em comissões, coordenação de projetos de pesquisa, atuação na Iniciação Científica e demais atividades de docência. Neste período, conheci servidores técnico-administrativos muito envolvidos com a Universidade, tais como: Marília Lopes, Bráz Guimarães, Claudia Damiana, Gisele Tavares, Katia Bonfim, Aleni Vieira, Julio Cravina, Namir Lopes, Denilson Jesus, entre outros.

#### **4 - Neste momento, você passou a dar aulas na graduação?**

**Regina:** Não Neide, preciso esclarecer. Mesmo distante cotidianamente do MN, em 2003 continuei coordenando quatro projetos de pesquisa: *Guia do Acervo Artístico, Histórico e Científico de D. Pedro II existente no Museu Nacional*; *Ambientação das Salas Históricas do Museu Nacional*; *História do Paço de São Cristóvão* e *História do Museu Nacional*, para isso, contei com alunos do ensino médio do Programa de Iniciação Científica Junior/PICJr, convênio firmado entre o MN e o Colégio Pedro II (em especial, Paulo Vinicius Aprígio) e, posteriormente, com os de graduação em História/UFRJ (Flávio Morgado e Mariah Martins). Em paralelo, dei continuidade ao projeto de Extensão: *Popularizando a História do Brasil no Museu Nacional* (com alunos de graduação da UFRJ, em especial Paulo Vinicius Aprígio). Cabe ressaltar que as orientações eram realizadas em horário noturno. Em 2004, iniciei uma disciplina como ouvinte no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/IFCS (História) com o historiador Manuel Luiz Salgado Guimarães com intuito de me preparar para o processo de seleção do mestrado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO (em Memória Social). Ao final do ano, passei no processo de seleção para fazer o mestrado (2005-2007) com o tema sobre o Paço de São Cristóvão (tendo a orientação da

antropóloga Regina Abreu) e mesmo dando continuidade ao ritmo frenético da PR-2, um dia na semana eu estava afastada para os estudos. Em 2007, a coordenadora da graduação em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação/CBG da UFRJ (curso criado em 2006), a bibliotecária Marisa Russo, solicitou minha liberação junto à Ângela Uller para que eu ministrasse a disciplina eletiva “Fundamentos de Museologia”, pois acreditava que eu poderia contribuir proporcionando apresentação de conceitos sobre memória e patrimônio histórico-cultural. Foi nesta disciplina que implantei a visita mediada nas salas das exposições do MN com os alunos ao fim de cada semestre. A partir da autorização de minha liberação, pude me responsabilizar pela disciplina que passou a ser ofertada a cada semestre alternando entre Praia Vermelha e Cidade Universitária (quando esta passou para o curso noturno). Portanto, uma vez por semana, em uma parte do dia ou da noite, eu estava em sala de aula, lembrando que as atividades de organização de aulas e correções de exercícios eram realizadas aos fins de semana. Para tal, a partir de 2008, na PR-2, pude regularizar a situação como professora colaboradora mediante Resolução nº 08/2008 do CONSUNI. Registro que, no ano anterior, passei a dar uma disciplina obrigatória na graduação da Biblioteconomia *História da Tecnologia* (disciplina da Politécnica).

**5 – Você não parou de trabalhar para fazer o Mestrado, atuava como superintendente e dava aulas na graduação. E como foi durante o Doutorado?**

**Regina:** Ah, eu fazia tudo ao mesmo tempo (era bem jovem), mas o Mestrado me deu muitos frutos (além de artigos). A dissertação virou tema da *Escola de Samba Arrastão de Cascadura* (Escola do Grupo C que desfilou na Intendente Magalhães – Cascadura) e as noites do ano de 2007 foram reservadas para orientar a pesquisa para o desfile da Escola sob o tema “Paço de São Cristóvão: Do Palácio Real ao Museu Nacional, 200 anos de história”, sobre o bicentenário da chegada da Família Real ao Brasil e a criação do Museu Nacional. Foi uma boa correria e a Escola conquistou o segundo lugar passando para o Grupo de Acesso. Durante as discussões da pós-graduação/PR-2 (Jornada de Iniciação Científica; política bolsas, PROINFRA e PROAP) somadas à experiência da escrita científica (Mestrado em 2007), tive resultado positivo no processo de seleção ao Doutorado do HCTE/UFRJ com o tema sobre a participação do Museu Nacional na Exposição Universal de Paris em 1889 (última exposição do período imperial), tendo a química Nadja Paraense como minha orientadora. Portanto, o período

de férias, em 2008, foi para realizar orientações de Projetos no Museu, prestações de contas para FINEP (PROINFRA), para a FAPERJ (Jornada de Iniciação Científica), para a CAPES (PROAP), o desfile do Carnaval sobre a dissertação etc. Assim, comecei o doutorado no HCTE da UFRJ, coordenado pelo químico Carlos Alberto Filgueiras. Destaco que o coordenador criou o Congresso *Scientiarum Historia*, espaço para a apresentação das pesquisas sobre as áreas de história das ciências, das técnicas e epistemologia no Brasil. Em 2009, dedicou-se exclusivamente à organização do Congresso que teve caráter internacional (luso-brasileiro), passando as demais atividades do HCTE para o vice-coordenador, o poeta e matemático Ricardo Kubrusly, que se responsabilizou por toda a organização administrativa e acadêmica (espaço físico, códigos de disciplinas, regimento, etc) para o funcionamento do curso. Nesta ocasião, devido ao interesse do Reitor Aluizio Teixeira em organizar e fortalecer o HCTE, primeiro programa de pós-graduação de caráter interdisciplinar (inter Centros – credenciado pela CAPES em 2005), liberei-me do cargo de Superintendente da PR-2, e fui transferida para atuar nas atividades de assessoramento à coordenação do Programa. Ressalto que participei da Comissão Organizadora do Congresso *Scientiarum Historia* desde sua criação e aproveitei para registrar que fiz o doutorado sem pedir afastamento (e passei a atuar como assessora da coordenação do HCTE até 2014). A partir de 2010, sob a coordenação de Ricardo Kubrusly, o HCTE estava com funcionamento estabilizado: regimento aprovado pela PR-2, site, espaço para secretaria, pessoal administrativo, enfim, conforme padrão CAPES. Ao longo do Doutorado, realizei, aos domingos no Museu Nacional (nas salas das exposições e no auditório Roquette Pinto), o projeto de Extensão do Museu, o *Popularizando a História do Brasil no Museu Nacional* (com três bolsistas) e transferimos para o Museu Nacional o projeto *As Histórias da Mulher Pássaro* (sob a coordenação de Ricardo Kubrusly, do HCTE, com quatro bolsistas). Os projetos foram regularizados como parte do HCTE e realizados até o final de 2014, além disso, cabe destacar que em 2012, meu Doutorado foi concluído e, no ano seguinte, realizei o pós-doutorado (2013) com Ricardo Kubrusly, desenvolvendo projetos, artigos. Neste mesmo ano, meu nome foi aprovado no Colegiado do HCTE/UFRJ para ministrar a disciplina *História das Ciências no Brasil*, inicialmente com em conjunto com outro professor. Dessa forma, passei a agregar as atividades docentes em minha atuação com a pós-graduação, com SIAPE de membro externo pela PR-2 (para acesso ao SIGA), como professora permanente junto à CAPES e mantendo

minha situação como técnica de nível superior com doutorado, para fins funcionais na UFRJ.

**6 - Em 2015, você foi empossada como Pró-reitora de Pessoal da UFRJ diante de todo este ritmo?**

**Regina:** Sim, o destino mudou o rumo e eu assumi a PR-4, o que não estava em meus planos, pois retornar à Reitoria como Pró-reitora de Pessoal me afastaria das atividades do HCTE. Porém, minha experiência com um Programa de Pós-graduação interdisciplinar, somada à ideia do servidor Gustavo Cravo de fortalecer a produção bibliográfica dos técnico-administrativos, suscitou a ideia de criar um periódico eletrônico interdisciplinar. Assim, surgiu a organização da Revista PGPU. Mas, preciso evidenciar a experiência que obtive frente à PR-4, momento em que te conheci e construímos laços de confiança, principalmente com o inesquecível Rodrigo Grijó! Ampliei minha rede de amigos e dentre a coordenação das novas atividades e responsabilidades na PR-4, a PGPU veio para ficar e se fortalecer como uma ferramenta da categoria para registrar as publicações dos técnico-administrativos. Após eu ter me afastado da PR-4, em 2016, Gustavo continuou envolvido com as atividades para criação do periódico eletrônico (hierarquização da Equipe e funções; Regimento; Edital de avaliadores; critérios para publicação; etc). Enquanto isso, voltei para o HCTE para participar de eleição da coordenação do curso com meu nome para o cargo de vice-coordenadora. A chapa foi vencedora, porém, a atuação da coordenação foi alterada e tive de assumir a função de coordenadora (primeira coordenação feminina do HCTE) para enfrentar os desafios de executar o IX Congresso *Scientiarum Historia*, realizar o processo de seleção de Mestrado e Doutorado para 2017, prestações de contas (Congresso e PROAP), preenchimento da Plataforma Sucupira, enfim, as atividades rotineiras inerentes à função chancelada pela PR-2 e CAPES. No final de 2016, Neide, você estava participando do processo de seleção do Doutorado do HCTE para o próximo ano e foi aprovadíssima! Entre fortes emoções, em dezembro deste mesmo ano, consegui concluir e entregar meu processo de aposentadoria (iniciado em outubro/2016). Além disso, iniciei o processo eleitoral para novas eleições para coordenador e vice do HCTE e em março/2017, foi transferida a coordenação. Ao longo de 2017, continuei as disciplinas e orientações de Mestrado e Doutorado (HCTE) e as disciplinas e orientações de TCC (CBG/FACC). Você havia feito disciplinas comigo

como ouvinte (2016.2) e tive o prazer de iniciar a orientação de tua pesquisa de doutoramento. Porém, três ações atravessaram a minha vida profissional neste mesmo ano, a primeira, foi a organização da Equipe da Revista PGPU (sim, continuaram a desenvolver o periódico) e, após análise do Regimento, Editais e demais documentos, em reuniões na Editora da UFRJ, me convidaram para que eu fosse a Editora-chefe da Revista. Esclareci que não me sentia à vontade para estar à frente da Revista, diante de meu afastamento da PR-4, porém todos os argumentos foram em vão e propuseram o mês de maio (mês dos trabalhadores e trabalhadoras) para o lançamento da PGPU. Em 31 de maio de 2017, a Revista foi lançada em cerimônia no Salão Nobre do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, com a presença do Reitor, Roberto Leher; do Pró-reitor de Pessoal, Agnaldo Fernandes; do presidente do SINTUFRJ, Chiquinho; presidente da ATUFRJ, Terezinha Costa; representante da APG e a aluna Mariah Martins, minha orientanda de Doutorado. A Pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa, Leila Rodrigues e a presidente da ADUFRJ, Tatiana Roque, justificaram as suas ausências no evento<sup>2</sup>. A segunda ação foi a aprovação de meu pedido de aposentaria no cargo de Técnica em Assuntos Educacionais da UFRJ. A esperada aposentadoria viria proporcionar o desenvolvimento de minhas pesquisas, projetos, aulas e bancas (graduação, mestrado e doutorado) com maior flexibilidade. Combinei com a coordenação do HCTE (pós-graduação) e da Biblioteconomia (graduação) de não mais aceitar novas orientações para que eu pudesse diminuir o ritmo de trabalho. Para coroar a aposentadoria, veio a terceira ação: o convite para assessorar Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense com o tema sobre o Bicentenário do Museu Nacional. O convite foi feito pela diretora do Museu Nacional, a arqueóloga Claudia Carvalho, para que eu, na qualidade de historiadora da instituição, participasse de reunião com: a própria diretora da instituição; a direção do Grêmio Recreativo Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense/GRESIL, Wagner Araújo; o Carnavalesco da GRESIL, Cahê Rodrigues; o vice-diretor do Museu Nacional, o geólogo Renato Ramos; o diretor Adj. de Administração/MN, o museólogo Wagner Martins; a responsável pela Seção de Assistência ao Ensino, Andrea Costa e as representantes da Seção de Eventos e Assessoria de Imprensa do MN, Fernanda Guedes e Eliane Frenkel, visando a aprovação da proposta de tema da GRESIL para o Carnaval de 2018: Uma noite Real no Museu Nacional com objetivo de homenagear o bicentenário da instituição (criada em

---

<sup>2</sup> O vídeo está disponível através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=bB8orsjK6NM>. Acesso em 18/08/2019.

1818 por d. João VI). No mês seguinte ao lançamento da PGPU, foi anunciada, em emocionante evento no Auditório Roquette Pinto, a apresentação do tema à comunidade do Museu Nacional com a participação de membros da GRESIL (e sua contagiante bateria). Esta experiência foi realizada ao longo de 2017 e consistiu em diferentes atividades, tais como: acompanhar a apresentação da Sinopse, a escolha do samba enredo; a realização dos croquis e protótipos (fantasias); reuniões com alguns dos compositores; o incentivo e organização referente à participação da comunidade do Museu nas alas; e demais processos, proporcionou uma imersão na história do Paço (dissertação) e na história do MN (tese).

### **7 – Dessa forma, você retornou ao Museu Nacional?**

**Regina:** É verdade, querida! Enquanto você estava dando entrada em tua pesquisa de doutoramento na Plataforma Brasil e realizando as disciplinas, eu passei a frequentar as salas das exposições com alguns dos compositores, a participar de reuniões com o Carnavalesco Cahê Rodrigues e a divulgar informações à direção da instituição científica sobre o andamento dos trabalhos de construção do tema. Organizei os horários de orientações de alunos para intercalar com o comparecimento ao barracão da Escola (na Cidade do Samba) e compareci à quadra da Imperatriz em todos os domingos até o dia do desfile. Neide, teve um momento que quase fizemos reunião de orientação na Cidade do Samba, lembra? (risos). Foi um ano mágico! Durante os dois ensaios técnicos, na Quinta da Boa Vista, as salas das exposições receberam os participantes do desfile com acesso gratuito ao MN. Conseqüentemente, identificaram cada objeto narrado no samba-enredo, dessa forma, o resultado foi a verdadeira popularização das ciências. O desfile foi emocionante para os que participaram pelo MN (alunos, docentes, técnico-administrativos, terceirizados, estagiários e amigos) e para os servidores da UFRJ, incluindo a atual Reitora, Denise Pires de Carvalho - primeira mulher neste cargo nos cem anos de existência da UFRJ, pois utilizaram fantasias sobre as áreas do conhecimento do Mn: Antropologia; Botânica; Zoologia; Geologia e Paleontologia. Estavam incluídas as dos personagens históricos que: participaram da criação do Museu Real, viveram no Paço de São Cristóvão e fortaleceram as coleções e as atividades científicas da instituição, desenvolvidas no século XIX, tudo em homenagem ao bicentenário do Museu Nacional. O novo diretor do Museu Nacional, o paleontólogo Alexander Kellner, empossado em fevereiro de 2018, pensou na

possibilidade de, após o desfile, trazer as fantasias para montar exposição no MN. Assim, surgiu a ideia de trazer o Carnaval da GRESIL em 2018 para as salas expositivas do Museu Nacional (casa fantasia próxima de seu objeto de representação). A curadoria ficou sob minha responsabilidade e a museografia foi realizada pela equipe do SEMU/MN, sob a coordenação da museóloga Thaís Mayumi. Dessa forma, o visitante conseguiu identificar o Carnaval da GRESIL nas salas do MN e, assim, a primeira exposição espalhada pelas salas foi inaugurada pelo Marcelo Araújo, presidente do Instituto Brasileiro de Museus/IBRAM, em dia 18 de maio de 2018, Dia Internacional dos Museus, ao som da bateria da GRESIL. No mesmo mês, foi iniciado meu processo como professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Geociências: Patrimônio Geopaleontológico/PPGEO do MN para que pudesse ofertar a disciplina *História das Ciências no Brasil e História das Instituições Científicas* no MN. Cabe ressaltar que as duas disciplinas abordam o desenvolvimento da História das ciências no Brasil e o Museu Nacional representa a esteira deste tema ao longo dos séculos XIX e XX. Diante de tanta felicidade, comemoramos o bicentenário do MN em grande evento em 6 de junho de 2018 e participei de muitas entrevistas e palestras acompanhando o diretor do MN/UFRJ. Entretanto, o trágico incêndio mudou o rumo dos planos de todos que atuavam na instituição.

**8 – Quais foram os impactos, após o incêndio, para uma pesquisadora como você que estuda a história do Paço e da instituição científica?**

**Regina:** Inicialmente, tentei auxiliar a instituição na criação de grupos de trabalho visando receber e-mails para doações de mobiliários, equipamentos de informática, material de consumo, documentos e acervos. Depois, mantivemos todas as rotinas acadêmicas: aulas da pós-graduação (iniciei a disciplina História das Ciências no Brasil); aulas na graduação (me substituí nas disciplinas, inserindo o bibliotecário e aluno de doutorado Edson Serejo e a chefe do Laboratório Central de Conservação e Restauração/MN, Marcia Valéria, no final da disciplina eu realizava a visita ao MN); as defesas de mestrado e doutorado do HCTE no MN (destaco as defesas das alunas: Maria Gabriela Evangelista - sobre a atuação de Leopoldina nas ciências no século XIX; Maria do Socorro, sobre a primeira diretora mulher do MN, Heloisa Alberto Torres; Carolina d'Almeida, sobre a construção dos conhecimentos sobre animais) e participação em congressos. Duas orientações foram suspensas: uma de doutorado, da

aluna Mariah Martins (Chefe de Gabinete da direção do MN), pois seu tema era discutir o conceito de Conservação tendo como estudo de caso as Salas Históricas do Museu Nacional; e uma de graduação, do aluno Henrique Dias, sobre o aposento de d. Pedro II ressignificado como gabinete do diretor do MN. Em relação à participação em congressos, destaco o da Sociedade Brasileira de História da Ciência/SBHC, da qual sou membro da diretoria e havia criado um simpósio junto com a geóloga e historiadora das ciências Maria Margaret Lopes, mantivemos a programação e recebemos trabalhos de diferentes Estados do país. O evento anual da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência/SBPC, em comemoração aos seus 70 anos, inseriu um espaço especial em homenagem ao Bicentenário do MN, na ocasião, eu, o diretor Alex Kellner e o antropólogo Luiz Fernando Dias Duarte fizemos a apresentação sobre a instituição. Enfim, continuamos nossas ações enquanto aguardávamos autorização da PF para ter acesso ao palácio. A sensação de não poder ver o palácio por dentro me dava esperança de encontrar resíduos para juntar os pedaços da sua história. Assim, caminhei até o fim do ano, tentando voltar ao ritmo das aulas, participando de bancas e orientações sobre o que não mais existe. O cotidiano do Paço, durante o período de d. Pedro II, foi meu objeto de pesquisa no Mestrado e na maioria de meus artigos, além da história da instituição e de algumas de suas coleções, abordadas em minha pesquisa doutoral, portanto, eu conhecia bem os objetos localizados no Torreão Sul (local em que existiu os aposentos de d. Pedro I e d. Pedro II no antigo Paço de São Cristóvão), espaço ressignificado como gabinete do diretor da instituição. Outrossim, ao encontrar-me sem os documentos históricos e os objetos da antiga residência, além daqueles que pertenceram ao “Museu do Imperador” d. Pedro II, concluí que nada mais poderia ser feito. Entretanto, em fevereiro de 2019, compareci ao chamado da Equipe de Resgate do MN (liderada pela arqueóloga Cláudia Carvalho, ex-diretora do Museu Nacional) e passei a atuar nas atividades de escavação, especificamente no Torreão Sul. Ao visitar o interior do Paço, na companhia da arquiteta e historiadora da arte, Maria Paula Van Bienne, confirmou-se que as paredes resistiram ao forte calor (incluindo alguns apliques da parte frontal histórica do prédio), porém o trágico incêndio nos revela, no olhar da arquiteta, “novas características arquitetônicas que devem ser analisadas”. Assim, constatei que as pesquisas sobre o cotidiano do Paço no século XIX e seus objetos, incluindo o Museu Nacional e suas coleções dos séculos XX e XXI devem continuar a ser estudadas. No início do ano de 2019, objetos e/ou partes deles estão sendo retirados

do palácio (em especial para mim, os do Torreão Sul), nos dão forças para continuar as escavações visando, posteriormente, identificá-los e catalogá-los. Estas atividades, apesar de cansativa formam a prova de que os materiais resgatados pertenceram ao antigo Paço (representam a história de alguns de seus antigos moradores) e ao Museu Nacional (com suas inesquecíveis coleções científicas). A dificuldade está em reestruturar minhas pesquisas, pois, diferente das outras áreas do conhecimento do Museu (algumas, inclusive, já reiniciaram as coletas), eu atuo com a releitura de objetos histórico-científicos (móveis, objetos pessoais, de decoração, coleções reais e imperiais), portanto, sonho em conseguir doação de objetos que figuraram no antigo Paço ou no Museu Nacional (ambos dos séculos XIX e XX). O objetivo é fortalecer o que estava muito claro nas pesquisas: além do Museu Nacional ser considerado um lugar de memória, o Paço de São Cristóvão já representava um espaço de ciências (por exemplo, com os objetos que relacionavam Leopoldina e d. Pedro II aos diferentes saberes do Museu Nacional). Apesar desta dificuldade (da doação de peças históricas), sigo nas pesquisas reflexivas sobre o antigo Paço de São Cristóvão e o Museu Nacional com intuito de preservar a memória da instituição e a escrita de sua nova história após o bicentenário. Na verdade, ao continuarmos estamos resistindo. E VIVA A UFRJ!